

Inauguração:
22 Setembro, 22h

23 Setembro –
29 Outubro 2016

Terça a Sábado
14 – 19h

Não é somente de escala a diferença entre o espanto e a surpresa. O espanto é, talvez, a confirmação do incomensurável, aquilo que está, que estará sempre (fisicamente, em escala) para além de nós – são as pirâmides do Antigo Egipto. A surpresa é de outra índole, chega sorrateira, inesperadamente, ressoa de forma mais íntima – são os túmulos da Etrúria.

Foi da ordem da surpresa o encontro com as novas peças de António Bolota. Não é que pareça que tenham vindo do nada; aquilo que senti, quando as vi no atelier do artista, distribuídas ainda sem o rigor como se encontram aqui expostas em cima de bancadas e mesas, foi como se enterradas, encerradas num qualquer baú, tivessem sido exumadas e naquele momento ali estivessem acessíveis, visíveis, como um tesouro desaparecido.

Não é somente de escala a diferença entre os trabalhos monumentais do artista, que melhor conhecemos, e as pequenas esculturas ou objectos que agora apresenta na Vera Cortês Art Agency. Aqui, a diferença entre o espanto e a surpresa é a passagem, impossível de antecipar antes desta exposição, entre aquilo a que poderíamos chamar “o momento egípcio” e o “momento etrusco” no trabalho de António Bolota.

Sem saber muito bem explicar porquê, quando vi estes objectos pela primeira vez vieram-me ao espírito dois notáveis e humildes conjuntos de trabalhos – remissões oblíquas em tempo de retorno à ordem da espiral: a série “Equilibres”, da dupla Fischli e Weiss, e os “papiers découpés” de Matisse. A máxima de Ortega y Gasset merece ser uma vez mais repetida: “o homem é o homem e as suas circunstâncias”. Isso aplica-se também e sobretudo àqueles que fazem. A pulsão de fazer é como uma respiração – continuar a construir com o fôlego que nos assiste em cada momento da nossa existência. Nem mais nem menos. Paradoxalmente, reunidas, a gravidade e liberdade do corpo.

Liberdade é, de facto, a palavra que ecoa, quando, para lá da visita ao atelier, refaço espiritualmente os gestos, as decisões, o raciocínio que estas experiências, estes objectos articulam ou a que dão forma. Dir-se-ia um pensamento feito corpo.

Não são maquetas, são peças. Existem, são imanentes e, prevenindo-a – menos como jogo mental e mais como forma de fazer imergir fisicamente o espectador no espaço de imanência dos materiais – dispensam a ampliação.

Sendo exercícios de projecção propostos ao espectador, a natureza destas peças é antes de mais material. Caracterizam-se, e aqui temos a principal novidade, diria mesmo ruptura com alguns axiomas formais do trabalho que António Bolota anteriormente apresentou, por expandirem ao limite o campo da imaginação e da experimentação material.

Liberdade de juntar (o desenho como campo de consubstanciação da imaginação), de sobrepor, de inverter hierarquias, de propor novas articulações, de abolir as antinomias e as impossibilidades (mesmo físicas). O geométrico e o orgânico, o ar e o sólido, a gravidade e a flutuação, o evanescente e o maciço, o natural e o artificial, o duro e o mole convivem e confundem-se numa celebração da arte enquanto transgressão de todos os limites. Talvez a utopia também passe por aqui.

Nuno Faria

Opening:
22 September, 10 pm

23 September –
29 October 2016

Tuesday to Saturday
2 – 7 pm

The difference between bewilderment and surprise is not just one of scale. Bewilderment is, perhaps, the acknowledgement of the incommensurable, of what is and always will be beyond our grasp (physically, because of its scale) — like the pyramids of Ancient Egypt. Surprise has a different nature, it always sneaks up on us, unexpected, and resonates intimately within us — like the tombs of Etruria.

I was surprised when I saw these new pieces by Antônio Bolota. Not that they seem to come from nowhere; when first I saw them in the artist's studio, lying around without the meticulousness of their display — on tables and stands — in this exhibition, I felt as if they had been just exhumed and extracted from some buried chest and made accessible and visible, like some lost treasure.

The difference between the artist's best known monumental pieces and the small sculptures and objects he is now presenting at Vera Cortês Art Agency is not just one of scale. Here, the difference between bewilderment and surprise is the transition — unforeseeable before this exhibition — between what we could call Bolota's "Egyptian" and "Etruscan" phases.

Without exactly knowing why, the first time I saw these objects two notable and humble series of works came to mind — oblique references in a time that revisits the order of the spiral: the series *Equilibres*, by the duo Fischli and Weiss, and Matisse's *papiers découpés*. Ortega y Gasset's maxim deserves to be repeated once again: "I am I plus my circumstances." This also applies — and especially — to those who create. The impulse to create, to make, is just like the act of breathing — to keep on building things with the breath that fills in each moment of our existence. Neither more nor less — paradoxically, we discover here, reunited, both the gravity and the freedom of the body.

After visiting the studio, freedom was, in fact, the word that kept on echoing as I tried to remember the gestures, the choices, and the reasoning articulated and materialized by these experiences and objects. An embodied though, one could say. These are not models, these are works of art. They exist, they are immanent and, by anticipating it, they obviate the need for their enlargement. This anticipation is produced not by a mental operation, but by physically enveloping the spectator in the space of the materials' immanence.

Being that these pieces are exercises of projection proposed to the spectator, their nature is mostly material. They are characterized by expanding the fields of imagination and of material experimentation to the limit — and this is the main novelty, or even rupture with some of the formal axioms of Bolota's previous works.

The freedom to collate (the drawing as a field where imagination consubstantiates), to juxtapose, to invert hierarchies, to propose new articulations, to abolish antinomies and (even physical) impossibilities. The geometric and the organic, the air and the solid, gravity and fluctuation, the evanescent and the massive, natural and artificial, soft and hard, all these qualities coalesce and mix in a celebration of art as the transgression of all limits. Maybe this is utopia.

Nuno Faria